

O uso irônico do vocábulo “εὐαγγέλιον” na sentença introdutória de Marcos

The ironic use of the word “εὐαγγέλιον” in the introductory sentence of Mark

Francisco Benedito LEITE¹

 0000-0002-7295-6285

Resumo

Este artigo compara os significados e as utilizações das palavras gregas εὐαγγέλιον e εὐαγγελίζω no Evangelho conforme Marcos e na obra “Guerras Judaicas”, de Flávio Josefo. Para estabelecer os contrastes de significados, também são apresentados os significados dos mesmos vocábulos na LXX e nos outros dois evangelhos sinóticos, Mateus e Lucas, apesar de uma análise mais densa desses textos não estar no escopo deste estudo. A comparação dos referidos textos mostrará que a irônica utilização do substantivo εὐαγγέλιον, que dá título à obra marcana, não foi compartilhada pelos outros evangelhos. Utilizamos o procedimento filológico de literatura comparada para chegar aos resultados que aqui serão apresentados.

Palavras-chave: εὐαγγέλιον. Guerras Judaicas. Ironia. Marcos. Sinóticos

Abstract

This article compares the meanings and the use of the Greek words εὐαγγέλιον and εὐαγγελίζω in the Gospel according to Mark and in the Flavius Josephus’ “Jewish Wars”. To establish the meaning contrasts, the same words meanings are also presented in the LXX and in the other two synoptic gospels, Matthew and Luke, although a more dense analysis of these texts is not within the scope of this study. Comparison of those texts will show that the ironic use of the noun εὐαγγέλιον that gives the title to Mark’s work was not shared in the other gospels. We use the philological procedure of comparative literature to arrive at the results that will be presented here

Keywords: εὐαγγέλιον. Jewish Wars. Irony. Mark. Synoptics.

Introdução

No presente ensaio, apresentamos um estudo dos significados do substantivo εὐαγγέλιον e do verbo εὐαγγελίζω (ambos pertencentes à língua grega), os quais estão registrados tanto no “Evangelho conforme Marcos” quanto na obra “Guerras Judaicas”, de Flávio Josefo. Além disso, faremos comentários pontuais indicando as vezes em que o mesmo vocábulo aparece na LXX e nos outros dois evangelhos sinóticos.

¹ Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, Cursos de Extensão em Línguas Bíblicas. R. Planalto, 135, Vila Angelina, 09640-060, São Bernardo do Campo, SP, Brasil. E-mail: <ethnosfran@hotmail.com>.

A ênfase de nosso estudo está na comparação de duas obras, “Guerras Judaicas” e “Marcos”; por isso, verificaremos o sentido das palavras mencionadas a cada ocorrência delas nas duas obras. A LXX e os evangelhos sinóticos também serão utilizados na comparação, mas não são as obras principais a serem analisadas, servindo apenas para explicar as nuances desses significados.

É claro que o uso de comentários bíblicos para a interpretação de Marcos proporciona à sua leitura um conhecimento muito mais aprofundado dessa obra do que das demais sendo comparadas a ela. Isso se justifica porque Marcos é o centro de nossa reflexão, uma vez que sua utilização do termo *εὐαγγέλιον* é uma renovação em comparação com as demais utilizações, como se demonstrará ao longo do presente artigo.

Comparar duas ou mais obras literárias não significa entender que haja qualquer relação de contato direto entre elas, mas que percebemos que os sentidos pretendidos nelas podem ser intencionalmente contrastantes por causa de ideias que circulam no contexto cultural que as envolve. O historiador italiano Ginzburg (2006) nomeia esse fenômeno como “circularidade da cultura”.

Além das típicas atividades filológicas de discutir os significados dicionarizados e enumerar as vezes em que as palavras *εὐαγγέλιον* e *εὐαγγελίζω* aparecem nos textos sendo estudados e confrontar esses significados, pareceu-nos também igualmente importante para esse tipo de estudo explorar os efeitos discursivos presentes nas construções argumentativas de Marcos, analisando de modo especial o recurso metalinguístico e a ironia presentes nesse texto. Embora questões ideológicas sejam óbvias implicações do resultado do confronto dos sentidos linguísticos que elencamos no presente ensaio, não chegaremos a nos aprofundar nesse nível de estudo, deixando-o para ser elaborado em outro ensaio, em uma ocasião futura.

O significado de *εὐαγγέλιον*

A palavra “evangelho” deriva do grego *εὐαγγέλιον*, a qual, por sua vez, segundo as definições do “Dicionário do Grego do Novo Testamento”, de Carlo Rusconi, seria composta pela união de dois vocábulos gregos: *εὖ* (port. adv.: bem – quando usado como prefixo com verbos ou nomes pode ter o valor nominal de “bom”) (RUSCONI, 2005, p. 203), e *ἄγγελος* (port. subst.: anjo, mensageiro, embaixador, anunciador; enviado de) (RUSCONI, 2005, p. 17). O significado dessa composição seria algo como: “boa notícia, boa nova, evangelho” (RUSCONI, 2005, p. 203). Também o verbo *εὐαγγελίζω* (port. vb.: trazer, anunciar uma boa notícia, evangelizar) se originaria dessa mesma composição.

Na LXX, a palavra *εὐαγγέλιον* tem um sentido que não aparece nenhuma vez no Novo Testamento, o de “recompensa ao que traz uma boa notícia” (LIDDELL; SCOTT, 2007, p. 278, tradução nossa), como podemos conferir em um de seus textos: “[...] porque o que me relatou que Saul está morto – e ele estava como quem traz boas notícias diante de mim – e tomei-o e o matei em Ziclague, ao qual devia dar *recompensa pela boa notícia*” (II Sm 4, 10, grifo nosso). Sempre que aparece com esse significado na LXX, o termo, que é de gênero neutro em língua grega, está no nominativo ou acusativo plural (greg. *τὰ εὐαγγέλια*), o que traz a ideia de um substantivo coletivo, ou seja, a recompensa pelas boas notícias, nesse caso, é um conjunto de vários presentes. Apesar do exemplo citado, em outras partes do mesmo livro, *εὐαγγέλιον* ocorre com o sentido de “boa notícia” (II Sm 18, 22, 25), como se está acostumado a ler no Novo Testamento.

Para compreender esse uso de *εὐαγγέλιον* na LXX, é indispensável lembrar-se de sua contraparte na “Bíblia Hebraica”, na qual há como equivalente o verbo *רשב* (port.: dar, levar, trazer boas notícias; apregoar, proclamar, anunciar) (SCHÖKEL, 1997), também relacionado com o substantivo *רשב* (port.:

boa notícia; propina pela boa notícia, alvissaras) (SCHÖKEL, 1997), justamente a mesma palavra que ocorre em II Samuel 4,10, na “Bíblia Hebraica”.

Embora por muitas vezes as aparições da palavra *εὐαγγέλιον* na LXX estejam relacionadas com a linguagem bélica, há outros casos em que está relacionada com uma boa notícia advinda de Deus e dirigida aos necessitados, como podemos indicar pelo menos na seguinte referência: “O sopro do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para *anunciar a boa notícia aos pobres*, enviou-me para curar os de coração quebrantado, proclamar remissão aos cativos e aos cegos restauração da vista” (Is, 61, 1, tradução nossa, grifo nosso)².

Não obstante esse último exemplo citado não seja o sentido predominante de *εὐαγγέλιον* na versão grega do Antigo Testamento, parece ter sido o único significado que os cristãos, os quais de alguma forma são representantes da voz que constrói a narrativa do evangelho, fazem questão de lembrar em sua reutilização no Novo Testamento, enquanto ignoram todos os outros em uma atitude que não sabemos se é motivada por justificativas apologéticas ou simplesmente consequência de um esquecimento coletivo.

O *εὐαγγέλιον* na obra “Guerras Judaicas”, de Flávio Josefo

Os usos que a LXX fez da palavra que estamos estudando foi determinante para o sentido que ela passaria a ter no vocabulário dos primeiros cristãos, mas, se observarmos outro livro escrito no mesmo contexto em que surgiram os primeiros livros do Novo Testamento, verificaremos que nele foram recebidos outros sentidos para esse vocábulo. Estamos nos referindo à obra “Guerras Judaicas”, escrita entre 75 e 79 d.C.

O autor dessa obra é Flávio Josefo (c. 37 d.C.-100 d.C.), historiador judeu que registrou os acontecimentos da Judeia no período das guerras dos judeus contra os romanos. A princípio, foi um revolucionário que também lutou contra os romanos e posteriormente debandou para o lado dos inimigos. Em sua obra, “Guerras Judaicas”, utilizou a mesma palavra, *εὐαγγέλιον*, para nomear, por exemplo, a notícia recebida pelo corrupto procurador romano da Judeia, Géssio Floro (VERMES, 2008) a qual permitiu que tivesse início a guerra dos judeus contra os romanos, conforme o próprio procurador já desejava de antemão. Assim Josefo nos descreve o relato: (1) “Para Floro, a *boa notícia* era tremenda, e determinado a acender a guerra, não respondeu aos embaixadores” (Guerras Judaicas II, 420, tradução nossa)³.

No mesmo livro, Josefo também usa *εὐαγγέλιον* por duas vezes para se referir à notícia de que Vespasiano tinha se tornado o novo imperador do leste do Império Romano. Segundo suas próprias palavras, (2) “[...] e toda a cidade festejava as *boas notícias* e realizava sacrifícios por ele” (Guerras Judaicas IV, 618, tradução nossa, grifo nosso)⁴. Mais adiante na mesma obra, consta: (3) “Uma vez que Vespasiano chegou a Alexandria, as boas notícias chegaram de Roma e também regozijantes as embaixadas de toda a sua terra habitável” (Guerras Judaicas IV, 656, tradução nossa)⁵.

O historiador judeu emprega, ainda, a forma verbal por três vezes em Guerras Judaicas: (4) “E talvez os lábios daqueles que estavam dispostos a falar foram selados pelos demônios irmãos que haviam sido

² No original: “Πνεῦμα κυρίου ἐπ’. ἐμέ, οὗ εἶνεκεν ἔχρισέν με· εὐαγγελίσασθαι πτωχοῖς ἀπέσταλκέν με, ἰάσασθαι τοὺς συντετριμμένους τῆ καρδίᾳ, κηρύξαι αἰχμαλώτοις ἄφεςιν καὶ τυφλοῖς ἀνάβλεψιν”.

³ No original: “Φλώρω μὲν οὖν δεινὸν εὐαγγέλιον ἦν, καὶ προρηγμένος ἐξάπτειν τὸν πόλεμον οὐδὲν ἀπεκρίνατο τοῖς πρεσβευταῖς”.

⁴ No original: “καὶ πᾶσα μὲν πόλις ἐώρταζεν εὐαγγέλια δὲ καὶ θυσίας ὑπὲρ αὐτοῦ ἐπετέλει”.

⁵ No original: “Εἰς δὲ τὴν Ἀλεξανδρεῖαν ἀφιγμένῳ τῷ Οὐεσπασιανῷ τὰ ἀπὸ τῆς Ῥώμης εὐαγγέλια ἦκε καὶ πρέσβεις ἐκ πάσης τῆς ἰδίας οἰκουμένης συνηθόμενοι”.

assassinados. De qualquer modo, escreve de Roma para anunciar as boas notícias aos seus, seu breve retorno como ele foi despedido com honra por César” (Guerras Judaicas I, 607, tradução nossa)⁶. Mais adiante, encontra-se: (5) “Então Tito enviou algum dos seus cavaleiros a seu pai, e *anunciou* o feito” (Guerras Judaicas III, 503, tradução nossa, grifos nossos)⁷. Por fim, na mesma obra, está: (6) “E certo homem conta as *boas notícias* a Vespasiano, que ele havia se retirado, o que o fez descer sobre a cidade, como supondo, que ao tomar aquela, tomaria toda a Judéia, se manter Josefo sob seu poder” (Guerras Judaicas III, 143, tradução nossa)⁸.

Nota-se que a utilização que Josefo faz da palavra *εὐαγγέλιον* e de sua forma verbal *εὐαγγελίζω* sempre se referem às boas notícias bélicas favoráveis aos romanos. Na maioria dos casos, a despeito de narrar histórias de guerras nas quais seu próprio povo, Judá, foi derrotado, o historiador nomeia como *εὐαγγέλιον* os triunfos romanos, ainda que esteja descrevendo a narrativa de seu próprio encurralamento. Para esclarecer melhor nossa compreensão, podemos pontuar um a um os casos mencionados:

- 1) Início da guerra dos judeus contra os romanos;
- 2/3) empreitadas bem-sucedidas de Vespasiano no leste do Império Romano;
- 4) conteúdo da carta injuriosa de um dos tetrarcas da Judeia;
- 5) feitos bélicos que Tito anuncia a seu pai Vespasiano; e
- 6) encurralamento de Josefo.

O *εὐαγγέλιον* em Marcos

A obra canônica, a qual, apesar do intencional anonimato e completo desconhecimento de quem seja o autor, ficou conhecida pelos cristãos como “Evangelho conforme Marcos” (*κατὰ Μαρκόν*), provavelmente escrita na região da Síria no início da década de 70 d.C. (VIELHAUER, 2005). Isto é, foi próximo do local onde ocorreram as guerras descritas por Josefo e no mesmo período em que tinham chegado ao fim as guerras que causaram a destruição do Templo de Herodes e a devastação de Jerusalém, ocasionados pelas tropas romanas lideradas pelo comandante Tito, o qual foi mencionado em uma das citações acima.

No mundo antigo, é comum que os livros não tivessem seus títulos recebidos de seus autores, mas, ao invés disso, o adquirissem no estágio de recepção (COLLINS, 2007). Esse parece ser o caso dos livros atribuídos a Mateus e Lucas, os quais passaram a ser chamados de evangelhos porque seus primeiros receptores entenderam que seu conteúdo era a proclamação do evangelho, apesar de neles mesmos não se formalizar o título que receberam.

Outro fenômeno aconteceu, no entanto, com o título que recebeu o Evangelho conforme Marcos, que é o primeiro livro – ou pelo menos o mais antigo entre os que chegaram até nós –, a ser chamado de “evangelho”. Verifica-se que nele a palavra *εὐαγγέλιον* tem utilizações significativamente diferentes das mencionadas em “Guerras Judaicas”, pois, como se demonstrará, nele, a mesma palavra é utilizada para descrever tanto a proclamação oral (de Jesus e dos primeiros cristãos) quanto o conteúdo do livro, o qual é, ele próprio, a proclamação que primeiramente esteve no anúncio de Jesus – conforme a narrativa –, e posteriormente também estará no discurso dos primeiros cristãos.

⁶ No original: “τάχα καὶ τοὺς ἀπαγγέλλειν προηρημένους οἱ τῶν ἀνηρημένῶν δαίμονες ἀδελφῶν ἐφίμουν: γράφει γοῦν ἀπὸ Ῥώμης ἄφιν ἐαυτοῦ ταχεῖαν εὐαγγελιζόμενος, καὶ ὡς ὑπὸ Καίσαρος μετὰ τιμῆς ἀπολυθεῖ”.

⁷ No original: “Τίτος δ’ ἐκπέμψας πινὰ τῶν ἰππέων εὐαγγελίζεται τῷ πατρὶ τὸ ἔργον”.

⁸ No original: “Οὐεσπασιανῶ δὲ τις εὐαγγελίζεται τὴν μετάβασιν τοῦ ἀνδρὸς αὐτόμολος καὶ κατήπειγεν ἐπὶ τὴν πόλιν ὡς μετ’ ἐκείνης αἰρήσοντα πᾶσαν Ἰουδαίαν, εἰ λάβοι τὸν ἰώσηπον ὑποχείριον”.

Nesse livro, há uma nova concepção de *εὐαγγέλιον*, dado que essa palavra é utilizada para nomear o gênero dos livros que narram a vida de Jesus, mas também para permitir que a proclamação do próprio Jesus ainda seja ouvida. Segundo as palavras de Gnilka (2005, p. 50):

Marcos quer informar a respeito de Jesus e converte as tradições das palavras e feitos de Jesus Cristo em conteúdo de sua proclamação. A informação não deve valorar-se como 'algo casual', mas sim como expressão do que se percebeu na distância temporal e como repercussão que foi recordado historicamente. Aí se radica o novo da compreensão de evangelho, assentado na terminologia da missão, tal como se encontra em Paulo. No entanto, Jesus Cristo não é apenas recordado historicamente, mas também definido pela cruz e pela ressurreição. Por conseguinte ele é também o sujeito do evangelho. Este o representa. O Evangelho de Marcos é tanto relato quanto proclamação.

Observemos que esse comentário se aplica à abertura do evangelho: (1) "Início da *boa notícia* de Jesus Cristo filho de Deus" (*Mc* 1,1, grifo nosso)⁹. Gnilka (2005, p. 49) afirma que esse "não é apenas o cabeçalho do livro, senão que a denominação de seu conteúdo".

Chama a atenção o fato de que nenhum dos outros evangelhos canônicos tem em sua abertura uma descrição do conteúdo que virá a seguir. Marcos começou o evangelho a sua maneira. Os outros evangelistas não lhe seguiram no seu modo introdutório já que iniciaram seus evangelhos com um relato da infância de Jesus (*Mt* e *Lc*) ou com um prólogo (*Lc* e *Jo*) (GNILKA, 2005)

Nesse caso, podemos dizer que a abertura de Marcos é uma "sentença introdutória para o restante do livro" (COLLINS, 2007, p. 131), a qual está isolada da perícopes que vem a seguir (v.2 em diante), uma vez que é notável que essas palavras que iniciam o livro dão a entender que o conteúdo do livro é "o início do evangelho de Jesus Cristo, o filho de Deus", mas não sua totalidade. Isso pode ser verificado pelo uso da palavra *ἀρχή* (port. começo). O exegeta Marcus (2010, p. 148, grifo do autor) comenta sobre a utilização da palavra "começo" nesse versículo: "[...] em todas as demais passagens Marcos utiliza *arché* apenas com o sentido temporal (cf. 10.6,13; 8.19) e esse sentido é o mais apropriado para o começo de uma narração".

O corolário dessa compreensão da sentença introdutória de Marcos é que a continuação ou não da "boa notícia" dependerá da superação das sensações de "tremor, êxtase e medo" (*τρόμος, ἔκστασις, φόβος*) (*Mc* 16,8)¹⁰ que o narratário sente ao ler ou ouvir sobre a ressurreição de Jesus, assim como se sentiram, no interior da narrativa, as mulheres que se depararam com o túmulo vazio e ouviram a ordem do mensageiro [*ἄγγελος*] para que elas proclamassem a ressurreição. Do mesmo modo que aquelas mulheres, todo aquele que lê ou ouve o anúncio contido no livro – cuja sentença introdutória ("Início da boa notícia de Jesus Cristo filho de Deus") sumariza o conteúdo do livro –, deve se sentir responsável pela continuidade dessa "boa notícia", pois o conteúdo começou no livro, mas continua na concretude da vida real de cada um que crê na boa notícia contida nele.

O que confirma a inconclusibilidade do livro é o efeito metalinguístico de Marcos, que é o recurso utilizado para proporcionar a sensação de que a narrativa está diretamente ligada à realidade, a narrativa está aberta e dirige-se diretamente ao interlocutor do texto. Esse efeito pode ser apontado pela colocação da conjunção – explicativa ou conclusiva – *γάρ* (port. pois) como última palavra do livro. Isso dá a entender que o texto tem reticências no seu final e sua continuidade está na vida da igreja, na qual o narratário,

⁹ No original: "*Ἀρχὴ τοῦ εὐαγγελίου Ἰησοῦ Χριστοῦ υἱοῦ Θεοῦ*".

¹⁰ Não devemos ignorar que *Marcos* 16,8 é o último versículo desse livro e tudo o que vem a seguir é uma inserção posterior baseada no resumo das narrativas da ressurreição e no comissionamento dos outros dois evangelhos sinóticos.

leitor ou ouvinte, deve se sentir inserido. Uma vez que não é usual em língua grega – assim como tampouco o é em português –, que um texto termine com uma conjunção explicativa ou conclusiva, a interpretação mais plausível é que o narrador use esse recurso como efeito discursivo (retórico-poético) para tocar os sentimentos (*páthos*) de seu interlocutor, de modo a fazê-lo se sentir diretamente envolvido com sua mensagem.

Um amplo número de exegetas percebeu esse sofisticado efeito literário há muito tempo e, para expressar seu significado, utilizaram diferentes explicações. Schnelle (2004, p. 104), por exemplo, afirma o seguinte:

[...] o evangelista combina inseparavelmente a atuação passada e presente de Jesus Cristo com o evangelho como mensagem de proclamação e gênero literário [...]. O chamado à decisão, pronunciado por Jesus no nível interno do texto, visa, no nível externo, à Igreja de Marcos.

Por sua vez, Bultmann (2008) já tinha expressado uma formulação que se tornou clássica para se referir ao efeito proporcionado pela leitura do evangelho no que diz respeito à relação da pessoa de Jesus com a mensagem do evangelho:

Conforme mostra a tradição sinótica, a comunidade primitiva retomou a pregação de Jesus e continuou a anunciá-la. E na medida em que o fez, Jesus tornou-se para ela o mestre e profeta. Mas ele é mais: é, ao mesmo tempo, o Messias; e assim ela passa a anunciar – e isso é decisivo – simultaneamente a ele mesmo. Ele, antes o portador da mensagem, foi incluído na mensagem, é seu conteúdo essencial. O *anunciador* tornou-se o anunciado – mas em que sentido? Eis a pergunta decisiva! (BULTMANN, 2008, p. 74, grifo nosso).

Não há como distinguir o que é a mensagem de Jesus do que é a mensagem sobre Jesus; a comunidade cristã deixou de fazer essa distinção logo no princípio, porque os próprios cristãos se sentiram profundamente envolvidos nela.

O que quer que signifique *εὐαγγέλιον*, podemos afirmar que a boa notícia era o conteúdo da proclamação do próprio Jesus, como vemos em: (2) “Depois de ser entregue João, veio Jesus à Galileia proclamando a boa notícia de Deus” (Mc 1,14, tradução nossa, grifo nosso)¹¹; (3) “e dizendo que o tempo se cumpriu e chegou o reino de Deus: arrependam-se e creiam na boa notícia” (Mc 1,15, tradução nossa, grifo nosso)¹².

No mesmo texto, em outro momento, o *εὐαγγέλιον* aparece como um elemento que é mencionado ao lado de Jesus, formando com ele o par: Jesus e a boa notícia. Nessas passagens, é o próprio Jesus que faz essa justaposição, essa associação de elementos, como podemos verificar em: (4) “pois o que quer salvar sua vida, destruí-la-á; o que quer destruir a sua vida por causa de mim e do *evangelho* salvá-la-á” (Mc 8,35, tradução nossa, grifo nosso)¹³; (5) “Disse Jesus: em verdade digo a vocês, ninguém há que deixou a casa ou os irmãos ou as irmãs ou a mãe ou o pai ou os filhos ou os campos por causa de mim e do *evangelho* [...]” (Mc 10,29, tradução nossa, grifo nosso)¹⁴.

Em outras passagens do mesmo livro, o próprio Jesus tem consciência de que a “boa notícia” é a proclamação que será anunciada pelo mundo todo: (6) “e é necessário que primeiro a *boa notícia* seja

¹¹ No original: “Μετὰ δὲ τὸ παραδοθῆναι τὸν Ἰωάννην ἦλθεν ὁ Ἰησοῦς εἰς τὴν Γαλιλαίαν κηρύσσειν τὸ εὐαγγέλιον τοῦ θεοῦ”.

¹² No original: “καὶ λέγων ὅτι πεπλήρωται ὁ καιρὸς καὶ ἤγγικεν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ· μετανοεῖτε καὶ πιστεῦτε ἐν τῷ εὐαγγελίῳ”.

¹³ No original: “ὃς γὰρ ἐὰν θέλῃ τὴν ψυχὴν αὐτοῦ σῶσαι ἀπολέσει αὐτήν· ὃς δ' ἂν ἀπολέσει τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἕνεκεν ἐμοῦ καὶ τοῦ εὐαγγελίου σώσει αὐτήν”.

¹⁴ No original: “ἔφη ὁ Ἰησοῦς· ἀμὴν λέγω ὑμῖν, οὐδεὶς ἐστὶν ὃς ἀφήκεν οἰκίαν ἢ ἀδελφοὺς ἢ ἀδελφὰς ἢ μητέρα ἢ πατέρα ἢ τέκνα ἢ ἀγροὺς ἕνεκεν ἐμοῦ καὶ ἕνεκεν τοῦ εὐαγγελίου [...]”.

anunciada para todas as nações” (*Mc 3,10*, tradução nossa, itálico nosso)¹⁵; (7) “Em verdade digo para vocês, quando a *boa notícia* tiver sido anunciada para o mundo todo o que ela fez será falado para memória dela” (*Mc 14,9*, tradução nossa, grifo nosso)¹⁶. Sem contar 16,15 – que faz parte de um texto inserido posteriormente em Marcos (16, 9-20) e só tem sua inserção justificada com base em intenções apologéticas criadas em período bem posterior ao ano de 70 d.C. –, são essas as sete vezes que a palavra *εὐαγγέλιον* aparece. O verbo *εὐαγγελίζω* não consta sequer uma vez nesse livro.

O *εὐαγγέλιον* e *εὐαγγελίζω* nos outros evangelhos sinóticos

Vale a pena informar que nenhum dos dois outros livros que conhecemos como evangelhos sinóticos – isto é, Mateus e Lucas –, apresenta dados autorais em seu conteúdo e coube à tradição posterior atribuí-los. No caso desses dois livros, não há, como em Marcos 1,1, uma referência interna que intitule o livro ou explique o seu conteúdo.

Os outros livros canônicos só podem ser chamados de “evangelhos” por inferência, devido a sua óbvia relação com Marcos, mas neles mesmos não há nada que sugira que seu título deva ser algo como “evangelho”. Parece que nem os seus autores tiveram essa compreensão, pois, no lugar da “sentença introdutória” (*Mc 1,1*), Mateus e Lucas têm uma narrativa que precede o batismo de Jesus, e Lucas tem até um prólogo.

Apesar de não ter a intenção de comentar cada uma das ocorrências da palavra *εὐαγγέλιον* nos evangelhos sinóticos, é interessante apontar que, em Mateus, o substantivo aparece apenas quatro vezes e todas elas aparentemente em textos derivados de Marcos (*Mt 4,23*; *9,35*; *24,14*; *26,13*); só uma vez se constata o verbo *εὐαγγελίζω*, no caso, na forma participial (*Mt 11,*). Em Lucas, o substantivo não ocorre nenhuma vez e, em Atos, ocorre apenas duas vezes (*15,7*; *20,24*); entretanto, nos dois livros que compõem a obra lucana, a forma verbal é encontrada com muita frequência (*Lc 1,19*; *2,10*; *3,8*; *4,18*; *4,43*; *7,22*; *8,1*; *9,6*; *16,16*; *20,1*; *At 5,42*; *8,4*; *8,12*; *8,25*; *8,35*; *8,40*; *10,36*; *11,20*; *13,32*; *14,7*; *14,15*; *14,21*; *15,35*; *16,10*; *17,18*).

Esses dados parecem indicar que, em Mateus, o *εὐαγγέλιον*, como conceito teológico, só tem a importância dada pela fonte Marcos. A obra mateana não desenvolveu o sentido desse termo, nem parece ter compreendido que essa palavra fora usada na introdução do livro para expressar o conteúdo do livro cujo gênero agora estava sendo emulado. Assim, em Mateus, *εὐαγγέλιον* é utilizado para se referir apenas à proclamação de Jesus e, posteriormente, à comunidade cristã, mas não ao livro que contém essa mensagem.

A obra lucana dá muita importância à atividade evangelística, tanto de Jesus quanto dos apóstolos; por isso, o verbo que significa “anunciar boas notícias” aparece tantas vezes. Por outro lado, também parece que, em Lucas-Atos, não há uma compreensão clara do significado de *εὐαγγέλιον*, como ocorre na sentença introdutória de Marcos; logo, o substantivo não é usado nenhuma vez ao longo dos dois volumes lucanos.

¹⁵ No original: “καὶ εἰς πάντα τὰ ἔθνη πρῶτον δεῖ κηρυχθῆναι τὸ εὐαγγέλιον”.

¹⁶ No original: “ἀμὴν δὲ λέγω ὑμῖν, ὅπου ἐὰν κηρυχθῆ τὸ εὐαγγέλιον εἰς ὄλον τὸν κόσμον, καὶ ὃ ἐποίησεν αὐτὴ λαληθήσεται εἰς μνημόσυνον αὐτῆς”.

O recurso irônico de Marcos

Os dados elencados nos mostram que, em primeiro lugar, na LXX, a palavra *εὐαγγέλιον* tem um significado profano, geralmente relacionado com o contexto bélico, apesar de metaforicamente também ser usado para se referir às boas notícias aos pobres, ainda que essa não seja sua utilização predominante. Em segundo lugar, o emprego que a mesma palavra tem na obra de Josefo é totalmente relacionada com o contexto bélico, inclusive apontando diretamente para os triunfos romanos, embora expressem a derrota dos judeus e, ademais, que o próprio autor seja um judeu. Em terceiro lugar, em Marcos, além de ser utilizada para nomear a proclamação de Jesus e dos primeiros cristãos, a palavra *εὐαγγέλιον* é igualmente importante por proporcionar um efeito metalinguístico, pois, na abertura do livro, está contida a informação de que o conteúdo que se segue é o “começo do *εὐαγγέλιον*” e que sua continuidade está na concretude da vida real de qualquer um que o lê ou o “ouve” e assim também crê nele.

Além do recurso metalinguístico, observa-se ainda uma penetrante ironia no emprego que se faz em Marcos da palavra que estamos estudando, uma vez que, enquanto para Josefo o *εὐαγγέλιον* é a vitória romana, para Marcos o começo do *εὐαγγέλιον* é narrativa de que o filho de Deus veio ao mundo, mas foi ignorado, rejeitado e brutalmente morto pelos romanos a pedido das autoridades judaicas, e que, por fim, quem lê esse livro deve anunciar que ele ressuscitou mesmo sem que sequer uma pessoa o tenha visto redivivo. Dado que a palavra em questão era empregada para exaltar o progresso do Império Romano, utilizá-la para narrar a história de uma vítima desse mesmo império pode ser compreendido como ironia.

Nesse sentido, relacionar a narrativa de uma morte brutal com a palavra *εὐαγγέλιον* parece uma ironia, pois concede ironicamente razão ao modo como Josefo utiliza o vocábulo para nomear o triunfo romano; apesar disso, mostra-o de outro ponto vista: o da morte do filho de Deus. Não queremos afirmar que *Marcos* está em relação direta com a obra de Josefo, mas que os sentidos do conceito *εὐαγγέλιον* em *Marcos* estão em oposição aos sentidos do conceito *εὐαγγέλιον* presentes na obra de Josefo.

Segundo uma formulação clássica, ironia é dizer uma coisa querendo dizer outra. Assim, mesmo que o autor de uma obra não tenha conhecido a outra obra (o que parece óbvio porque *Marcos* foi escrito antes das “Guerras Judaicas”, e, por sua vez, *Marcos*, no contexto em que surgiu, parece ter sido um texto por demais insignificante para que um intelectual como Josefo o tivesse lido), os sentidos que a palavra *εὐαγγέλιον* têm em ambos os textos expressam ideias contrastantes que circulam na cultura do Império Romano, conforme a proposta do estudioso já citado, Ginzburg (2006), o qual cunhou o conceito de “circularidade da cultura” para estudos sobre cultura subalterna.

Em quarto lugar, apontamos que os outros evangelhos sinóticos, Mateus e Lucas, não valorizaram a palavra *εὐαγγέλιον*, endossando a ideia de que o relato da trágica vida de Jesus, expresso em Marcos, é densamente irônico. Isso porque nenhum dos dois entendeu a ironia e conseqüentemente tampouco entenderam que era necessário que a vida de Jesus fosse apresentada o mais tragicamente possível; por esse motivo, em muitos casos, relativizaram os rebaixamentos presentes em Marcos.

Por exemplo, em Marcos, Jesus nasceu em Nazaré, sem genealogia, sem narrativa de infância, sem comissionamento. O que se narra de positivo em seu ministério é sua atividade bem-sucedida como taumaturgo na Galileia, após a qual ele segue para Jerusalém anunciando uma mensagem que nem sequer seus discípulos compreenderam. À medida que se aproxima da capital, aproxima-se também da morte, que ocorre em total abandono; sua ressurreição é afirmada pelo anjo, apesar de ninguém o ver redivivo.

Nos outros dois evangelhos, no entanto, Jesus nasceu em Belém, após um anjo ter anunciado aos seus pais que o que haveria de nascer era o filho de Deus; por isso, sua mãe daria à luz mesmo sendo virgem. Sua longa genealogia o liga aos heróis da fé do Antigo Testamento. Desde sua infância seus prodígios são notáveis; mesmo havendo rejeições ao longo de seu ministério, não são tão degradantes como as que estão descritas em Marcos. Sua morte solitária é seguida pela narrativa de sua ressurreição, testemunhada pelos seus discípulos.

É certo que Mateus e Lucas têm diferenças entre si, mas essas descrições sumárias valem para os dois e mostram como Marcos possui características exclusivas em vista dos demais livros que pertencem ao mesmo gênero.

Considerações Finais

Nosso ensaio mostrou que os termos *εὐαγγέλιον* e *εὐαγγελίζω* receberam conotações significativamente diferentes mesmo sendo utilizados em obras que foram escritas muito próximas uma da outra, tanto geográfica quanto cronologicamente, a saber, Marcos e “Guerras Judaicas”, escritas na década de 70 d.C e tendo seus referentes históricos na região da Judeia.

Tanto o modo como Josefo emprega as palavras que estudamos quanto o modo como as mesmas palavras são usadas em Marcos têm óbvias implicações ideológicas, as quais não abordamos em nossa análise, apesar de termos plena consciência desses evidentes conflitos. O que nos interessou foi mostrar a multiplicidade de utilizações de uma mesma palavra no contexto de conflitos ideológicos, o que se conota como ironia intencional do evangelho. Não apenas pontuamos as diferenças de significado de *εὐαγγέλιον* existentes entre Marcos e “Guerras Judaicas”, mas também as diferenças notáveis no significado desse termo entre os evangelhos sinóticos, o que compreendemos que foi resultado de uma ignorância quanto à ironia pretendida no evangelho mais antigo da tradição sinótica.

Parece que as ideias que formalizamos a respeito do uso da palavra *εὐαγγέλιον* na abertura de Marcos e sua consequente significação para a interpretação de toda a obra já haviam sido pressupostas pelos exegetas, como está expresso nos comentários bíblicos citados ao longo de nosso texto. Embora nenhum deles tenha apresentado uma análise comparativa, as conclusões são as mesmas.

Mais do que evoluções semânticas, abordamos também os efeitos discursivos, isto é, a proposta de leitura metalinguística e a ironia penetrante presentes em Marcos, mas ausentes nos evangelhos sinóticos que diminuiriam significativamente a tragicidade da narrativa da vida de Jesus em suas versões do “evangelho”.

Referências

BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2008. p. 74.

COLLINS, A. Y. Mark: a commentary. In: ATTRIDGE, H. W. (ed.). *Hermeneia: a critical and historical commentary on the Bible*. Minneapolis: Fortress Press, 2007. p. 131.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos: Mc 1,1-8, 26*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005. v. 1, p. 49-50. (Biblioteca de Estudios Bíblicos, 55).

- JOSEPHUS. *The Jewish war*. Cambridge: Harvard University Press, 1997. v. 1-2, books 1-4. (Loeb Classical Library).
- LIDDELL, H. G. D.; SCOTT, R. D. *Greek-English lexicon* (Abridged): for the study of classical and bible study. London: Simon Wallenberg Press, 2007. p. 278.
- MARCUS, J. *El Evangelio según Marcos (Mc 1-8)*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2010. p. 148. (Biblioteca de Estudios Bíblicos, 130).
- NESTLE, E. et al. (ed.). *Novum Testamentum Graece*. 28th ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- RAHLFS, A. *Septuaginta: Editio altera: Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil & Deutsche Bibelgesellschaft, 2009.
- RUSCONI, C. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 17-203.
- SCHNELLE, U. *Introdução à exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 104. (Coleção Bíblica Loyola, 43).
- SCHÖKEL, L. A. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Dicionários).
- VERMES, G. *Quem é quem na época de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.
- VIELHAUER, P. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais da Igreja*. Santo André: Academia Cristã, 2005.

Como citar este artigo/How to cite this article

LEITE, F. B. O uso irônico do vocábulo “*εὐαγγέλιον*” na sentença introdutória de Marcos. *Reflexão*, v. 45, e204737, 2020. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v45e2020a4737>